



Artigo original

A EPISTEMOLOGIA E ENSINO DO TURISMO EM MOÇAMBIQUE: evolução histórica e experiências do ensino superior

Maria Albertina Pinto Rodrigues Munguambe e Gouveia Dramane Sumale

*Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane, Universidade Eduardo Mondlane (UEM),
Moçambique*

RESUMO: Pelos estudos exploratórios, foi detectado que os cursos de turismo tendem a baixar o seu nível de ingresso, consequentemente a sua descontinuidade, embora o sector turístico tende a crescer (excepto no corrente período pandémico da COVID-19) e, ainda se mantêm-se com carências de mão-de-obra qualificada. É nesta perspectiva que se pretende com o presente estudo saber o estágio actual dos cursos de turismo em Moçambique, na medida em que analisando o estágio deste processo permite formulação de estratégia assertiva em consequência, de poder formar melhor os recursos humanos, nas mais diversas áreas do turismo, com competências para contribuir para um turismo mais humanizado, ético e sustentável. O artigo objectiva apresentar a evolução histórica do ensino do turismo neste país, contextualizando a discussão do turismo enquanto ciência e objecto de estudo a sua emergência no mundo, a rede académica e os cursos oferecidos, as áreas de ensino bem como a situação de investigação a nível do ensino superior. Por intermédio da pesquisa bibliográfica e documental e levantamento de dados empíricos, através de entrevista pode-se compreender a realidade dos cursos de turismo no país. Entre as conclusões destaca-se que os cursos superiores de turismo em Moçambique tiveram início a 25 anos especificamente no ano 1996, numa das universidades privadas da região sul de Moçambique. Hoje a oferta formativa compreende 17 cursos, com uma evolução lenta nos primeiros anos e um decréscimo nos últimos anos, tanto na abertura de novos cursos, bem como no ingresso de estudantes nos programas já existente.

Palavras-chave: Evolução, Ensino Superior, Moçambique, Turismo.

THE EPISTEMOLOGY OF TOURISM EDUCATION IN MOZAMBIQUE: historical evolution and higher education experiences

ABSTRACT: Through exploratory studies, it was detected that tourism courses tend to lower their entry level, consequently their discontinuity, although the tourism sector tends to grow (except in the current pandemic period of COVID-19) and, still remain with shortages of skilled labour. It is in this perspective that the present article intends to know the current stage of tourism courses in Mozambique, insofar as analysing the stage of this process allows the formulation of an assertive strategy as a result, of being able to better train human resources, in the most diverse areas of tourism, with skills to contribute to a more humane, ethical and sustainable tourism. The article aims to present the historical evolution of tourism teaching in this country, contextualizing the discussion of tourism as a science and object of study, its emergence in the world, the academic network and courses offered, the teaching areas as well as the research situation to be higher education level. Through bibliographical and documentary research and empirical data collection, through interviews one can understand the reality of tourism courses in the country. Among the conclusions, it should be noted that higher education courses in tourism in Mozambique began 25 years ago, specifically in 1996, in one of the private universities in the southern region of Mozambique. Today, the training offer comprises 17 courses, with a slow evolution in the first years and a decrease in the last years, both in the opening of new courses, as well as in the enrolment of students in the existing programs.

Keywords: Evolution, Higher Education, Mozambique, Tourism.

Correspondência para: (correspondence to:) albertinaroodrigues23@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta a evolução histórica do ensino superior do turismo em Moçambique, contextualizando a discussão do turismo enquanto ciência e objecto de estudo a sua emergência no mundo, especialmente em Moçambique, a distribuição de Instituições de Ensino Superior (IES) em Turismo, suas áreas de ensino e organização curricular, áreas de investigação e seus principais desafios. O objectivo principal é realizar uma reflexão acerca do ensino superior do turismo em Moçambique, efetuando o levantamento da grelha de cursos desde a sua introdução no país até ao presente momento, as principais áreas de pesquisa, os desafios no processo de ensino e aprendizagem, entre outras questões.

A materialização deste artigo foi possível através de pesquisa exploratória e descritiva que consistiu na colecta e tratamento de informação de fontes primárias e secundárias, tendo-se recorrido a meios electrónicos (telefones, e-mails) essencialmente para realização da colecta e busca de diversos materiais de leitura, entre manuais, artigos, teses, dissertações e textos para premunir o embasamento teórico.

O estudo da epistemologia em qualquer área é a base para produção de conhecimento. Não é diferente em turismo, pelo que, este estudo, tendo em conta a própria relevância funcional e o espaço estratégico que ele ocupa na governação, não deixa qualquer lacuna sobre o interesse que deve merecer. Este estudo permite aferir a evolução do estudo e das formações superiores em turismo em Moçambique, desde o ano em que se introduziu o primeiro curso de graduação, a sua distribuição no país (por regiões norte, centro e sul), os principais conteúdos lecionados e temáticas de investigação. Para além destes aspectos, o artigo explora também os desafios do processo de ensino-aprendizagem e pesquisa e nesses campos são

identificados as deficiências relevantes no que diz respeito às infraestruturas adequadas para formações em turismo, equipamentos necessários bem como a qualificação do pessoal formador (professores e pesquisadores).

Constata-se com isso que o desencontro entre os formados em turismo e o mercado de trabalho no sector, um aspecto que enfraquece um relevante campo de saber e que a casa desse desencontro ainda é uma incógnita e controverso, pois se por um lado o sector turístico tende a crescer (excepto no corrente período pandémico da COVID-19), alguns cursos de graduação tendem a encerrar por falta de ingressos, principalmente nas IES privadas, ainda que o sector mantêm-se com carências de mão-de-obra qualificada.

Este artigo inicia-se com introdução onde faz-se enquadramento do tema, sua relevância e objetivos, em seguida retrata a discussão do turismo como ciência, seu objecto de estudo bem como a situação da evolução do ensino do turismo no mundo e por fim faz uma abordagem sobre a expansão do ensino superior em Moçambique, a partir da época da criação dos primeiros cursos de graduação em turismo, e sobre a pesquisa e produção científica baseada em estudos empíricos.

ABORDAGEM TEÓRICO CONCEPTUAL

Turismo como campo de pesquisa científica

Os estudos em turismo hoje em dia são realizados num contexto de competição de áreas, temas e disciplinas de revistas académicas que constantemente são orientadas por regras editoriais criteriosamente pouco claras. Esse viés está em contramão com as políticas de investigação desejadas. Assim sendo, a discussão sobre a cientificidade do turismo ainda tem um caminho por percorrer para que os pesquisadores da área cheguem a um

consenso sobre a discussão. Moesch (2002) levanta uma discussão sobre a produção do conhecimento em turismo, na qual destaca que até então, o turismo vem sendo estudado predominantemente sob o prisma económico, pragmático e consumista. Esta autora argumenta que a produção científica em turismo se assenta no “*know how*”, ou seja, “saber-fazer” e nunca no “fazer saber” que deveria ser a base de qualquer ciência social. Refere ainda que os pesquisadores do turismo não estão interligados e não partilham de forma sistemática os resultados das suas pesquisas e daí a dificuldade de construção de um campo conceptual epistemológico do turismo, constituindo desse modo uma posição crítica aos teóricos do turismo.

A epistemologia é importante para que se possa explicar como se pensa o turismo e assim se faça a distinção entre o correcto e o incorrecto, o certo e o incerto, ainda que esta seja uma discussão complexa. Tribe (1997) apontava que a epistemologia em turismo era importante por dois motivos em que o primeiro embasa-se numa revisão sistemática do que é legítimo conhecimento turístico e segundo, porque ainda não havia um ponto de concórdia sobre a delimitação do objecto de estudo turístico. A epistemologia em turismo não facilita que os estudiosos do turismo se deixem levar pelas ideias hegemónicas sobre o turismo, que buscam conservar a ordem e o progresso actual de seu desenvolvimento, ou seja, praticar epistemologia deve significar busca de reflexão crítica que tem por fim revelar e descobrir um mundo no qual a desigualdade, os problemas humanos e do meio ambiente são questões do quotidiano.

Até hoje em dia, há uma evidente dificuldade de tratar o turismo como ciência. Esse facto deve-se a limitação para delimitação indiscutível do seu objecto de estudo. Senão vejamos como coloca Beni & Moesch (2016), a preocupação de contruir a ciência do turismo para fundamentar o corpo de conhecimentos com entidade teórico-

metodológico específico dentro da complexidade de suas relações práticas, impõe uma rutura epistemológica onde o modo de produção dos conhecimentos turísticos de forma disciplinar até então utilizado, que considera só interesses sectoriais, permanecendo sempre no domínio da linguagem restrita, nomeadamente: Marketing Turístico, Economia do Turismo, Geografia do Turismo, Gestão de Negócios Turísticos, entre outros, muito aquém de uma concepção sistémica de um fenómeno cujo objecto é interdisciplinar e complexo, sugerindo-se, deste modo o desenvolvimento de práticas que podem ser negociadas entre os diferentes campos de interesse e disciplinas sob um fenómeno ou objecto, propondo práticas políticas novas no campo de acção daquele conhecimento aplicado.

A forma como o turismo é tratado em vários quadrantes do planeta na contemporaneidade coloca a premente questão sobre as teorias interpretativas que o formata, pois traduz as concepções de conhecimento monodisciplinar, multidisciplinar, quiçá interdisciplinar, implícita e subjacente às propostas de seus modelos ocasionando sérias implicações éticas, sociais, políticas impactadas por suas práticas turísticas (MIRANDA, 2005). Assim sendo, é no seio da complexidade das práticas turísticas e seus impactos às comunidades que se suscitam reflexões urgentes no modo de compreender o fenómeno turístico, o seu tratamento disciplinar que vem sendo dado ao estudo, daí a dificuldade em sua compreensão como uma totalidade fenoménica, fazendo assim parte do contexto da produção científica moderna (JOVICIC, 1988 citado por SALGADO *et al.*, 2017). Deve entender-se aqui a totalidade fenoménica como sendo a actualidade imediatamente dada à observação empírica efectiva, positivamente efectuada, manifestando-se numa constatação. A disciplinaridade é consequência do uso do paradigma analítico na construção dos

saberes; até bem pouco tempo, este paradigma era tido como único e incontestável. Neste contexto, pode-se assumir a cientificidade do turismo como um caminho meio percorrido, mas que o mesmo demanda outra metade do percurso que deverá necessariamente passar pela definição clara do objecto de estudo e uma metodologia apropriada para o seu estudo (TRIBE, 1997; SALGADO *et al.* 2017).

Ensino superior de turismo no Mundo

A massificação do turismo como atividade de consumo e como fenómeno social, que se apropria das localidades, que afasta as pessoas de seus ambientes domésticos interfere nos modos de vida da comunidade autóctone, que cria relações sociais de hospitalidade, mexe com aspectos psicossociais dos turistas, que gera exportações invisíveis, transforma meio ambiente, que serve de atractivo para a prática do turismo, ou seja uma complexidade de fenómenos e relações interdisciplinares, interligados, multidimensional e multifacetado, impulsionou o aparecimento de esforços educacionais, estudos e pesquisas em turismo. De acordo com Theobald (2001), citado por Miranda (2005) “A educação globalizada se faz necessária para que os profissionais do turismo possam estar mais adaptados a sua nova realidade e tendência, melhor compreensão da natureza interdependente de nosso mundo e ajudar a reformular a capacidade organizacional para, simultaneamente, competir e cooperar no ambiente global”.

São vários autores que advogam que o ensino superior do turismo teve o seu início inserido em outras disciplinas clássicas como Administração, Geografia, Sociologia e Linguística (SOGAYAR e REJOWSKI, 2011). Outros ainda defendem que os primeiros marcos de ensino superior do turismo foram no contexto de formação técnico-média e profissional com carácter

politécnico profissionalizante e operacional (JAFAR, 1991; SOGAYAR E REJOWSKI, 2011; SILVEIRA, MEDAGLIA E GÂNDARA, 2012; MATIAS, 2012), o certo é que mesmo tendo iniciado no contexto interdisciplinar, ou no ambiente do ensino médio ela migrou e encaixou-se muito bem no contexto universitário e vem ganhando muito protagonismo e notoriedade, tem assumido características próprias, além de que vem contribuindo de forma significativamente para compreender, estudar, interpretar, investigar e fundamentar um conjunto de conhecimentos e fenómenos turísticos.

Hoje os cursos superiores de turismo tem contribuído na afirmação do seu objecto do estudo, nas metodologias e nas áreas de estudos, colaboram na formação de investigadores em turismo, mas por outro lado elas apoiam na formação de profissionais que atendam o carácter de prestação de serviço, o que quer dizer que as universidades não só formam para aumentar profissionais para investigar a área do turismo, mas também formam para fornecer competências específicas para prestar vários serviços associados ao turismo, assumindo o seu perfil profissionalizante.

De acordo com Ritchie (1990) citado por Salgado *et al.*, (2010, p. 350), o mestrado assume um carácter mais profissionalizante com o objetivo de especializar gestores de nível médio e superior. Por sua vez, o doutoramento é o garante da preparação de investigadores e docentes para a profissão académica e, assim, fomenta a institucionalização do Turismo como ciência.

Para Barretto (1995, p. 146), citando Aranha e Rocha (2014), os primeiros marcos do estudo teórico de turismo foram notabilizados em 1925, com a criação da cátedra de turismo na Universidade de Roma, por Ângelo Mariotti, com a posterior abertura do primeiro instituto específico para o estudo do turismo

integrado a alta Escola de Economia de Berlim à partir de 1929 e com os registos de aparecimento de vários institutos específicos de hotelaria e turismo em vários países da Europa, Estados Unidos, América Latina na década 1950, 1960 e 1970, respectivamente.

Na perspetiva da OMT (1997), citada por Aranha e Rocha (2014), faz-se referência a 3 fases do desenvolvimento do ensino do turismo: A primeira refere-se à criação dos cursos vocacionais voltados ao comércio turístico nos anos de 1900, sendo evidenciados os cursos de treinamentos para *chefs* e *garçons* e mais tarde os cursos de agentes de viagens. Entende-se que foi nesta fase em que se instituiu a primeira escola de hotelaria (*École Hôtelière de Lausanne*) fundada na cidade de Lausanne na Suíça. As bordagens educativas destes cursos eram mais técnicas e profissionais com vista a responder às necessidades dos seus vários serviços, estavam relacionados ao gerenciamento, possuíam uma estrutura académica consolidada, decorrentes da importância que o sector hoteleiro desempenha na indústria turística (EURICO, 2011; SOGAYAR e REJOWSKI, 2011).

A segunda é marcada pela criação dos cursos de turismo como uma forma de enriquecimento dos estudos de administração, fornecendo orientação vocacional e por fim a terceira fase na década 1950 e 60 enquadrada como início da autonomia do ensino do turismo face a hotelaria embora inseridas nos departamentos das disciplinas clássicas de Geografia, Sociologia e Linguística e nos departamentos distintos como recreação, desportos, negócios e que forneciam especializações opcionais nessa temática, uma oferta académica variada, mas com falta de consistência em termos de qualidade e coordenação de programas ofertados.

Numa visão mais simplista Leal (2010) citando Formica (1996), enfatiza que a

educação superior relacionada ao turismo teve início de forma global em 1893 na Europa, onde se destacam países com a França, que iniciou em 1961, com a criação do Centro de Estudos Superiores de Turismo na Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Paris, contudo somente em 1976 criam-se a licenciatura e a pós-graduação em turismo, colocadas em prática entre 1980 e 1982 nas Universidades de Paris I, Lyon II e Angers. Já nos Países Baixos estes cursos tiveram origem em 1964, com a criação do Instituto Holandês para Estudos de Turismo, Lazer e Transporte, em Breda. A Itália teve o seu prelúdio em 1974, pelo Professor Alberto Sessa ao introduzir o Curso de Especialização em Turismo na Universidade Livre Internacional de Estudos Sociais. A Espanha com seu início oficial em 1980, depois de uma reforma profunda, para atender as várias especificidades, tais como duração, diversificação, os conteúdos programáticos, entre outros aspectos. No Reino Unido iniciou na década de 1970, porém as primeiras graduações só surgiram em meados da década de 1980 (BENI, 2013).

Na América os cursos superiores de turismo tiveram sua origem em 1922 concretamente nos EUA, sendo a Universidade Estadual de Michigan a pioneira na oferta de graduação em turismo, com o início do seu curso em 1969. O Canadá vem se destacando através da Universidade de Calgary, no Estado de Alberta, pela criação do Centro de Ensino e Pesquisa de Turismo Mundial, Sob a orientação do Professor Brent Ritchie, e no desenvolvimento de projetos experimentais com modelos sistémicos de turismo. Não se sabe ao certo em relação ao México, porém segundo Beni (2013), depois de pesquisas feitas e constatada a grande dificuldade de existência da mão-de-obra qualificada para atender a especificidade da afluência de turistas, principalmente dos Estados Unidos em 1989, ficou evidente a necessidade de criação dos cursos e deste modo viram-se

obrigados a fazer uma reforma, reestruturar seus programas para atender as necessidades reais do mercado turístico e que havia necessidade de ser criada uma instituição de ensino com equipamentos e instalações exigidos para o estudo do turismo com cursos de carácter mais profissionalizante e com graus académicos mais elevados, onde se pretendia elevar as competências dos alunos para trabalharem em defesa do turismo receptivo internacional e doméstico, ensiná-los ainda a como vendê-lo e comercializá-lo. Países como Venezuela, Colômbia e Argentina tiveram seu início em 1989, este último figurado como o país na América latina com maior número de universidades e institutos superiores (públicos e privados), que confirma desde o nível universitário até o pré-universitário ou intermediário, em turismo (BENI, 2013).

Na Austrália, cursos de hospitalidade tiveram início em 1974 e na década seguinte os primeiros cursos de graduação foram instalados (BUSHELL *et al.*, 2001 citados por LEAL (2010). Países menos desenvolvidos também vêm oferecendo educação superior em turismo há décadas. Na China, por exemplo, cursos de hospitalidade tiveram início em 1978 e os de turismo em 1979. No Brasil, a Faculdade de Turismo do Morumbi (hoje, Universidade Anhembi Morumbi) foi a instituição precursora, com a graduação em turismo tendo iniciado em 1971 (TRIGO, 1991).

Neste percurso, são vários os cursos que foram e são oferecidos pelas unidades de ensino superior no mundo inteiro, alguns mais comuns outros nem tanto. De forma geral, os cursos oferecidos são de cariz científico e técnico em seus conteúdos, e são divididas três grandes áreas de formação: turismo, hotelaria e lazer e entretenimento. Pode-se destacar cursos de gestão de alojamentos e restaurantes; gestão de Agências de Viagens; animação e ambiente turístico; criação e gestão de produtos

turísticos; outros mais especializados como economia do turismo e gestão; administração turística e hoteleira; análise económica das instituições de lazer, entre outros (ARANHA e ROCHA, 2014). Os cursos superiores de turismo oferecidos possuem várias características, elas são multidisciplinares, atende a internacionalização, adaptabilidade, mobilidade e alternância (teoria e prática), são profissionalizantes e orientadas para as empresas, são administradas com metodologias de ensino dual, pautado pelo princípio de aprender fazendo, ligadas à pesquisa básica e aplicada.

Os conteúdos mais característicos nos cursos são: impacto económico, social e ambiental do turismo; oferta e demanda de turismo; planeamento e estudos do destino e das indústrias; recreação e entretenimento; hotelaria e transportes; marketing; história do turismo; turismo emissor, receptivo e doméstico; relações públicas e publicidade; políticas públicas de turismo; equipamento hoteleiro e extra-hoteleiro; recepção e andares; jurídico aplicado ao turismo; tecnológica de informação e comunicação; estratégias de uso do património turístico (natural e cultural); gerência financeira; comercialização do produto turístico; formulação e avaliação de projetos turísticos; métodos de pesquisa e quantificação turística, gestão de qualidade ordenação do espaço urbano para o turismo; formação de recursos humanos; técnicas de conservação e preservação arquitetónica; fontes termais e seu preparo para uso terapêutico e recreacional e muitos outros (BENI, 2013), (RUSCHMANN, REJOWSK e CACCIAMALI, 1996), (MOESCH e BENI, 2016), (COSTA, UMBELINO e AMORIM, 2012).

Aliada ao ensino surgiram as pesquisas em turismo, que tiveram origem na década 1940, período este que é rotulada como o prelúdio da pesquisa em turismo. São notabilizados como principais precursores os académicos

como Hunziker e Krapf, na Suíça; os académicos britânicos Olgivie, Norval e Lickorish e Kershaw, Medlik e Burkart da Universidade de Surrey estes dois últimos que assumiram a liderança na Inglaterra; os anglo-americanos quando começaram a mapear as águas não cartografadas dos primeiros estudos do turismo, sendo destacados Clare Gunn da Universidade A&M do Texas, e Robert McIntosh da Universidade Estadual de Michigan.

No início dos anos 70 do século passado, o turismo foi descoberto por cientistas sociais e tornou-se um espaço legítimo para a pesquisa sistemática e começaram a ter carácter mais aprofundado em comparação às pesquisas anteriores (DANN *et al*, 1988, *in* MARUJO, 2016, p. 114) (ARANHA e ROCHA, 2014). Na década 1980, as pesquisas de turismo foram impulsionadas pela publicação do artigo científico na revista científica *Annals of Tourism Research* por Jafari e participação especial de Brent Ritchie, da Universidade de Calaly' (Canada), sobre o tema específico "Educação em Turismo e sua Viabilidade". Este artigo destacou a necessidade de se estabelecer uma base sólida para as pesquisas em educação do turismo, á partir da ampliação do seu contexto, das contribuições disciplinares e dos seus principais desafios; enfatizou ainda a escassez de pesquisas científicas em turismo e a necessidade de científica-la; demonstrou a interdisciplinaridade do turismo e o modelo foi adotada na construção das propostas curriculares de graduações na área (RUSCHMANN, REJOWSK e CACCIAMALI, 1996; ARANHA e ROCHA, 2014).

Neste percurso, são diversas as problemáticas investigadas e desenvolvidas relativa ao Turismo. Há crescente preocupação para investigação e compreensão do Turismo como ciência, e diversos autores (ex. LEIPER, 1981, 2000; JOVICIC, 1988; JAFARI, 1990, 2005; TRIBE, 1997, 2000 e

2006; BENI, 1998; NETTO, 2005; NECHAR e CORTÉS, 2006; NETTO e NECHAR, 2016; TAILLON, 2014; ESTEBAN, CETIN e ANTONOVICA, 2015; SALGADO e COSTA, 2007, 2011, 2016), defendem estes saberes. Por outro lado, encontramos também preocupação acrescida em entender o turismo como sector de actividades, perceber os vários modelos sistémicos desenvolvidos a partir da década de 1980, onde são incorporados elementos como: o turista, fluxo turístico, a indústria turística, serviços turísticos, a oferta dos recursos, a infraestrutura e superestrutura turística entendida como sistema económico turístico (MOESCH e BENI, 2016).

Para Marujo (2013.p.5), hoje as investigações em turismo são extensas e diversificadas, encontramos vários tipos de documentos, desde monografias, dissertações, teses, artigos, resenhas, livros e outros que mostram resultados do que se investiga em turismo. O número de publicações dedicadas aos aspectos da investigação turística aponta de certa forma para o crescimento, maturidade e sofisticação para sistematização de um corpo teórico para o turismo, que tanto pode ser visto como um fenómeno político, económico ou sociocultural.

METODOLOGIA

Este estudo, desenvolve-se numa metodologia de recolha de informação de natureza qualitativa, com carácter mais exploratório e descritivo, visando apurar o estado da arte da evolução do ensino do turismo em Moçambique.

O estudo divide-se em duas fases metodologicamente estruturantes: o quadro teórico e o trabalho empírico. No estudo teórico procedeu-se a revisão da literatura que permitiu apurar a posição de diferentes autores em relação a epistemologia do ensino do turismo, sua evolução histórica no mundo, leitura feita em livros, artigos científicos, monografias, dissertações e teses, blogs e

sites de internet, documentos de várias instituições diferentes em bibliotecas tanto físicas assim como online. Por sua vez, a segunda fase consistiu na recolha e apresentação da informação secundária e primária sobre a epistemologia do turismo em Moçambique, os principais cursos, sua estrutura curricular, conteúdos programáticos e linhas de pesquisas.

Os dados foram recolhidos obedecendo duas estruturas diferentes. Numa primeira etapa procede-se à análise documental, que incidiu sobre a estrutura curricular dos cursos existentes nas instituições do ensino superior em Moçambique nomeadamente Instituto superior Politécnico de Manica, Universidade são Tomás de Moçambique, Instituto Superior Dom Bosco, Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane, Universidade Lúrio, Universidade Católica de Moçambique e Universidade Wutive e na segunda etapa foram realizadas entrevistas aos gestores pedagógicos através de sucessivas rondas de contactos, por meio de mensagens de correio electrónico e telefonemas para aferir dados referente a principais características dos trabalhos científicos realizados e onde são publicados. Para Vergara (2004) e Dencker (1998), a entrevista é adequada para diversas situações por proporcionar maior liberdade ao pesquisador durante o seu contato com o público-alvo.

Para a análise e tratamento das informações forma usados técnicas como análise descritivas, comparativas, conteúdo e de discurso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ensino superior do turismo em Moçambique: cursos, evolução e tendências

Neste ponto, abordam-se as origens e evolução dos cursos de graduação em Turismo e depois se procede à caracterização,

dos cursos oferecidos, suas vertentes ou áreas de formação, conteúdos disciplinares e situação da investigação. Posteriormente são arrolados os principais desafios de Moçambique na oferta dos cursos de turismo face as novas tendências do ensino do turismo internacional.

O primeiro curso de graduação em Turismo implantado no país foi Gestão de Turismo oferecido pela Universidade Politécnica (inicialmente chamado de Instituto Superior Politécnico e Universitário-ISPU) em 1996, seguido pelo curso de Gestão de Turismo e Informática pela Universidade Católica de Moçambique, na Faculdade de Gestão de Turismo e Informática de Pemba, em 2002.

O ensino superior do Turismo em Moçambique consolidou-se no contexto da elaboração e aprovação da Política do Turismo e Estratégia de sua Implementação – PTEI - 2003, e do primeiro Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo Nacional - PEDTM - 2004, na qual elegia Moçambique como país de grande potencial turístico, de ambientes tropicais, as praias com águas cristalinas, a fauna representada pelos chamados *big-five* (marinhos e terrestres), a cultura com a singularidade do seu património histórico e cultural, as vantagens comparativas consubstanciadas na sua localização geográfica estratégica, constituíam oportunidades ímpares a explorar. Além de que havia crescimento dos investimentos que resultaram na expansão da capacidade de alojamento e dos serviços similares. Em paralelo a isso havia necessidade de mão-de-obra qualificada bem como à necessidade de criar profissões especializadas para atender as necessidades do mercado e lidar com o turismo (MITUR, 2004).

Contudo, essa consolidação do ensino em Moçambique não foi acompanhada pela produção de leis específicas que regem a uniformização das grades curriculares em

diversas IES, o que acontece é e a existência de algumas leis e regulamentos que orientam a elaboração dos currícula, podendo mencionar a lei do ensino superior, os regulamentos de conselho de avaliação de qualidade académica (QNAC), e outros, porém cada IES, segue o seu quadro curricular, e sua metodologias de ensino e aprendizagem.

Levando-se em consideração o número de cursos oferecidos tanto por entidades

públicas assim como privadas, houve, em 25 anos, 17 cursos de turismo criados, sendo o quinquénio 2008-2012 em que foram abertos maior número de cursos com uma percentagem de 70,5%. Pode-se observar igualmente que foram as IES privadas, maiores ofertantes destes cursos. Com o passar dos anos a abertura destes cursos foram decrescendo, tanto que nos anos 2018-2021, não se abriu nenhum curso (Tabela 1).

TABELA 1: Cursos de graduação presenciais oferecidos de 5 em 5 anos até 2021

	1996	2003-2007	2008-2012	2013-2017	2018-2021
Pública	0	1	5	3	0
Privadas	1	0	7	0	0
Total	1	1	12	3	0

Fonte: Dados das entrevistas

Fazendo uma distribuição geográfica da evolução dos cursos a nível da zona norte, centro e sul de Moçambique, podemos observar que a nível da Zona Norte composto por 3 províncias (Niassa, Cabo Delgado e Nampula), compreende 4 cursos oferecidos, sendo 3 na Universidade Lúrio (UniLúrio) e 1 na Universidade Católica de Moçambique (UCM) que corresponde a uma percentagem de 23%. Na zona centro com 4 províncias (Tete, Zambézia, Manica e Sofala) é oferecido apenas 1 curso, pelo Instituto Superior Politécnico de Manica (ISPM) correspondendo a uma percentagem de 6% e por fim a zona sul com 4 províncias (Gaza, Inhambane, Maputo Cidade e Maputo Província) podemos verificar a oferta de 12 cursos em 5 instituições de ensino: Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane da Universidade Eduardo Mondlane (ESHTI-UEM), Universidade Politécnica (A Politécnica), Universidade São Tomás de Moçambique (USTM), Instituto Superior Dom Bosco (ISDB) e a

Universidade Wutive (Unitiva), com percentagem de 71% (Figura 1). Fazendo a distribuição por universidades podemos verificar que maior número de cursos é oferecido na ESHTI com 4, seguida da uni Lúrio e ISDB com 3 cada uma, em 3º lugar está a Politécnica e a USTM com 2 cursos cada um e as restantes instituições com 1 de cada (Figura 2).

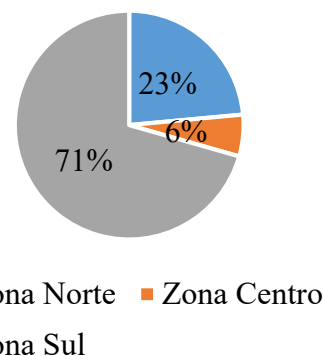


FIGURA 1: Distribuição dos cursos por zonas de Moçambique.

Fonte: Dados das entrevistas

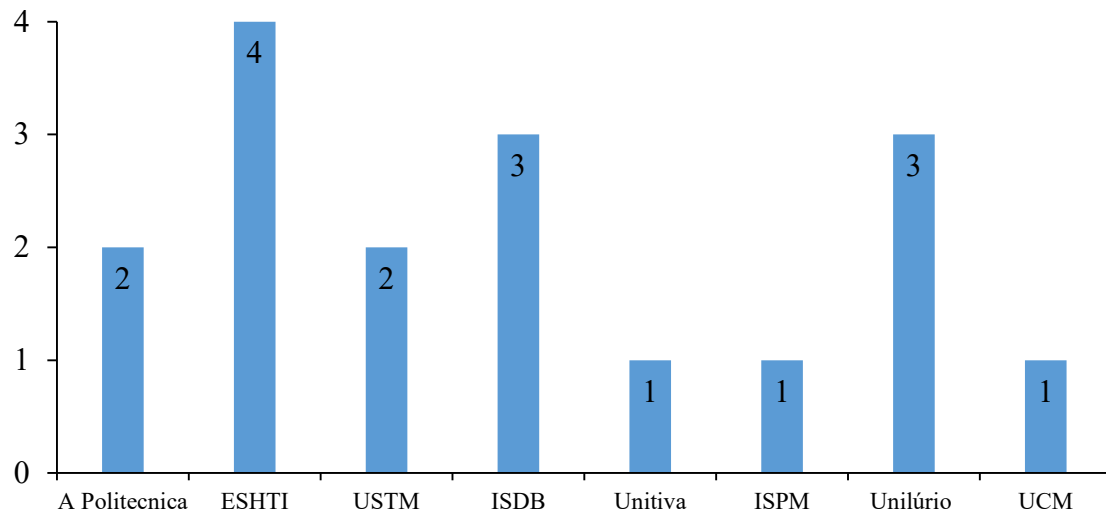


FIGURA 2: Distribuição de cursos por universidade

Fonte: Dados das entrevistas.

Importa frisar que alguns cursos foram introduzidos, funcionaram alguns anos, porém em algumas IES, ficaram descontinuados, como é o caso dos cursos de Ensino em Mesa e Bar do ISDB que abriu em 2009 e descontinuou em 2015, Gestão de Empresas Turísticas da Unitiva, que também abriu em 2009 e descontinuou em 2015. O que precisa ser destacado é, existência de grande número de IES que estão em vias de encerrar seus cursos, pois estão apenas formando as turmas já existentes de turismo, por falta de novos ingressos, um fenómeno evidenciado tanto nas IES públicas como privadas.

Esta descontinuidade dos cursos de turismo tem o seu alicerce em parte pelo facto dos qualificadores dos profissionais do turismo em Moçambique não possuírem profissões ligados ao ensino superior, o que faz com que haja subjetividades nas exigências do mercado de trabalho, face ao profissional formado. Estes aspectos constituem uma clara desvalorização do sector enquanto produtivo nas políticas públicas do país, ao olhar somente em profissionais do turismo

com baixo nível de qualificações como recepcionistas, serventes de mesa e Bar e Guias turísticos, considerados-actores, negligenciando deste modo a inserção nos qualificadores, profissionais com nível superior- os chamados pensadores, que de certa forma a sua inclusão melhoraria na orientação clara das competências exigidas pelo mercado de trabalho e o trabalho que as IES, devem ter ao contruir as suas grades curriculares.

Os dados da pesquisa, mostraram igualmente que o número de vagas oferecidas por estes cursos varia de IES para IES, mas pode-se avaliar a uma média de 65 vagas anualmente, contudo estes números só foram alcançados nos primeiros anos de abertura dos cursos, pois dos anos 2015-2020 o número de ingressos reduziu em quase 80% em todas as IES. E muitos dos alunos que ingressam o fazem como segunda opção de cursos tradicionais. Foram levantadas como razões destes dados, a questão de saturação do mercado relativo aos cursos, pouca valorização do profissional do turismo no mercado, profissionais de turismo encontram

dificuldades em conseguir emprego, e quando alcançam essa possibilidade geralmente se submetem a baixos salários e a desenvolver certas funções que qualquer indivíduo com certo grau de instrução poderia realizar, sem necessariamente precisar concluir a graduação em turismo e ainda pelo facto de vários formados em turismo estarem a trabalhar nas áreas transversais.

Dentre as várias razões para estas constatações, podemos mencionar o que vários autores falam, o facto de que a dificuldade para a inserção profissional se refere à formação académica em turismo, ser orientada em geral a uma formação generalista, o que pode ser um problema para ingresso no mercado de trabalho (ZOUAIN *et al.*, 2022).

Por outra, o facto de o mercado de trabalho estar aquém das dinâmicas de grades formativas apresentadas, das IES, mostrando que não há uma clara articulação entre o mercado de trabalho e as IES tal qual afirma Silveira (2020, p.84) o que se percebe, então, é uma lacuna de diálogo, gerando ruídos que diminuem a integração entre mercado e formação. Os primeiros preocupados em munir-se de mão-de-obra especializada e actualizada, e os últimos, em formar egressos cónscios de seu papel como cidadãos e detentores de conhecimentos. Consequentemente, os estudantes podem não estar a responder as exigências de qualificações profissionais do mercado de trabalho. Estes aspectos tem grandes implicações na dinâmica do planeamento das actividades turísticas do país, ela compromete o traçado das políticas públicas assertivas do sector para elevar o turismo ao nível de desenvolvimento almejado.

Aranha e Rocha (2014, p72.) acreditam, ao relatar que “há uma falta de motivação por parte das instituições em investir na melhoria do curso, bem como na divulgação e na captação de alunos. Pois, diferentemente de

outros cursos, como por exemplo o de Direito, e cursos da área da saúde, o turismo não traz um retorno financeiro tão rápido para as instituições, nem é tão procurado como deveria, o que resulta nesses impasses que comprometem a funcionalidade e o bom andamento do curso”.

As informações acima podem estar a associados ao que vários autores como, Barretto *et al.* (2004) Paula *et al.*, (2018) discutem quando afirmam que a amplitude do campo que abrange as diversas actividades profissionais relativas à área de turismo, dificulta a percepção ou a consolidação do que seja a profissão resultante da formação em turismo, o que também gera reflexos na dificuldade de definição de competências necessárias aos turismólogos (SILVEIRA *et al.*, 2020, p. 85).

Entretanto, verifica-se igualmente uma falta de aceitação das competências destes formados no mercado de trabalho. De acordo com Santos *et al.*, (2021), apesar do profissional do turismo ter um amplo leque de opções de trabalho devido à macroestrutura que envolve o fenómeno do turismo, o mercado de trabalho, sistematicamente, nega oportunidades a este profissional de desenvolver seu empreendedorismo, iniciativa e a possibilidade de actuação responsável, a níveis mais elevados. "Os estudantes de Turismo têm, muitas vezes, a base teórica, mas não tem a oportunidade de complementar na prática sua experiência, principalmente nas áreas de administração, gestão e planeamento, uma vez que a maior parte dos estágios está direccionada área operacional, evidenciando-se uma carência na oferta em estágios que possam agregar valor à formação do estudante de turismo" (SANTOS *et al.*, 2021, p. 213).

Com relação à formação em nível de pós-graduação (especialização) ou então mestrado e doutoramento, não se pode traçar um panorama evolutivo, pois embora o

turismo como profissão em nível superior já se faça presente na sociedade moçambicana há 25 anos, o ensino de pós-graduação apresenta carência, e que de poucas ofertas que existem, são muito dependentes de parcerias internacionais. São oferecidas alguns mestrados e doutoramentos em Moçambique por algumas universidades, mas em forma de programas de cooperação específicos com universidades internacionais, pode-se mencionar a título de exemplo o curso de mestrado em Turismo com orientação em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, oferecido pela Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Estoril-Portugal (ESHTE) em parceria com a Universidade Eduardo Mondlane e financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian em 2013, que dela resultaram na formação de 14 docentes sendo 10 afectos à ESHTI, e restantes afectos a outras IES.

Outra parceria feita pela ESHTE e a Universidade Lúrio em 2018, para a oferta do curso de Formação Avançada em Gestão Estratégica para Hotelaria e Destinos Turísticos, por fim a parceria feita pela UEM e Universidade Federal de Rio Grande do Norte para oferta do curso de Doutorado em Turismo a 10 docentes da ESHTI (este ainda em decurso do 2º ano). Para além dos cursos mencionados anteriormente, que são esporádicos e sem uma previsão de continuidade, existe o curso de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável e Gestão de Turismo oferecido pela UCM desde 2009, o único no país até então com carácter contínuo.

Vertentes ou áreas dos cursos oferecidos

Os cursos oferecidos têm as seguintes nomenclaturas: Animação turística, Informação Turística, Gestão de Mercados Turísticos, Gestão Hoteleira, Gestão de Turismo e Hotelaria, Ensino de Guias de Turismo, Ensino em Recepção, Ensino em

Mesa e Bar, Gestão e Desenvolvimento do Turismo, Gestão de Empresas Turística, Planeamento e Desenvolvimento do Turismo, Gestão Hoteleira e de Restauração, Património Natural e Cultural e Ecoturismo e Gestão de Fauna Bravia.

Pela nomenclatura dos cursos, bem como os seus planos curriculares percebe-se que os cursos oferecidos, apresentam três vertentes nomeadamente: Planeamento e Gestão turística, Hotelaria e Restauração e Lazer e Entretenimento e distribuídos da seguinte forma (Tabela 2).

Os cursos compreendem uma duração de 4 anos para o grau académico de licenciatura (graduação), na maioria são do modelo semestral, com disciplinas gerais, complementares e específicas e deve possuir 180 a 240 ECTS. Cada semestre comporta um máximo de 6 disciplinas e para entrada neste curso, algumas IES, sobretudo às públicas submetem os seus candidatos aos exames admissão, enquanto que as privadas realizam entrevistas vocacionais, ou mesmo matriculam seus candidatos diretamente. Os métodos de ensino são centrados nos estudantes, para adquirir competências relativas às seguintes dimensões: saber, saber fazer e saber ser/estar.

Considerando os planos curriculares e as metodologias usadas na leccionação destes cursos percebe-se que a oferta de cursos de turismo é com muito enfoque em gestão, essencialmente profissionalizante e orientada para as empresas, e para o mercado, com pouco enfoque, na questão espacial, humanística e cultural. Com a excepção do curso do ISDB, que tem características tipicamente virada para o ensino, ou seja, nesta unidade de ensino os cursos leccionados são orientados para formação de docentes das escolas técnicas profissionais, por isso tem 25% de componente psicopedagógica.

TABELA 2: Vertentes de formação dos cursos

Áreas ou Vertentes de Formação	Cursos Oferecidos	%
Planeamento e Gestão Turística	Gestão de Mercados Turísticos	41,2
	Gestão de Turismo e Hotelaria	
	Gestão e Desenvolvimento do Turismo	
	Planeamento e desenvolvimento do turismo	
	Gestão de Empresas Turística	
	Ecoturismo e Gestão de fauna bravia.	
Hotelaria e restauração	Gestão Hoteleira	29,4
	Gestão hoteleira e de restauração	
	Ensino de Mesa e Bar	
	Ensino em receção	
Lazer e Entretenimento	Animação turísticas	29,4
	Ensino de guias de turismo	
	Informação turísticas	
	Património natural e cultural	

Fonte: Dados das entrevistas.

Olhando para os dados da Tabela 2 percebe-se que a maior parte dos cursos possuem enfoque em gestão. o que esta por de traz disso pode ser o facto de que por um lado a maior parte dos cursos do turismo terem a sua origem nos campos de gestão e administração tal como indica Silveira (2020, p,103), quando refere que "a expansão nos anos 1990 veio acompanhada e orientada especialmente pela área de gestão, já que nessa época os especialistas que avaliavam os cursos de turismo eram oriundos da área de administração, e os conselhos regionais de Administração acolhiam e credenciavam os bacharéis em turismo" e por outro, um reconhecimento claro de que o país necessita de gestores neste campo de conhecimento capaz de dinamizar as práticas turística, organizando mercado e o território turístico, fazer a devida divulgação e captando fluxos turístico significativos, competência típicas de um gestor.

Acredita-se que, apesar das tentativas de diferenciação, os currículos dos cursos de turismo permanecem muito semelhantes, segundo os dados da entrevista, os planos curriculares dos cursos são diversificados,

mas, normalmente, incluem um conjunto de cadeiras nucleares no domínio da gestão: Contabilidade, Gestão Financeira, Contabilidade de Gestão, Análise de Projectos de Investimentos, Marketing, Gestão de Recursos Humanos, Gestão de Qualidade Total. As disciplinas específicas da área hoteleira e turismo como: Gastronomia, Enologia, Gestão de Alojamentos, Animação Turística, Legislação Turística e do Ambiente, Sociologia do Turismo, Geografia e Mercados Turísticos, Animação Turísticas e Cultural, Técnicas de Condução de Grupo, Recepção e Andares, Enogastronomia, Gastronomia e Turismo, Práticas em Hotelaria, Organização de Eventos, Técnicas de Condução de Grupos, Itinerários Turísticos, Ordenamento do Território. Inclui cadeiras de base e/ou complementares, como Línguas Estrangeiras, Informática, Matemática, Direito ou Economia, Empreendedorismo, Ética e Habilidades para a Vida. Contemplam igualmente Estágios, muitas vezes feitos em unidades de acolhimentos, como hotéis, parques e reservas naturais, instituições de Administração Pública, restaurantes e bares,

escolas, agências de viagens, empresas privadas, *rent-a-car* e que muitas vezes constituem saídas profissionais para os mesmos. Estes estágios muitas vezes conseguem suprir as lacunas existentes nas IES, relativas a falta de laboratórios específicos para formação.

Situação da investigação nos cursos de turismo

Nesses programas são desenvolvidas pesquisas científicas aliadas as formas de culminação dos cursos denominadas de monografia ou trabalho de fim de curso, como exigência curricular para a obtenção dos títulos de licenciados e mestres. As investigações são divulgadas em Jornadas Científicas institucionais bem como em cadernos interno, pois em muitas IES não possuem revistas científicas para publicação.

A maior parte dos cursos oferecidos, são feitos por IES privadas pelo que, observa-se carência de pesquisas científicas e reduzido número de pesquisadores em turismo, aliados a uma falta de estímulos ao desenvolvimento do conhecimento teórico do fenómeno do turismo neste país e ainda a falta de experiências em matéria de investigação. Embora exista o Fundo Nacional para Investigação (FNI), os editais são anuais, há problema de desembolsos, há muita concorrência pelas outras áreas de saber contribuindo sobremaneira para a falta de recursos para a investigação. De uma forma geral pode-se dizer que a investigação nestes cursos é muito reduzida e pouco ou quase não divulgada.

A falta de divulgação também esta associada a falta de revistas científicas nacionais para divulgação dos resultados das investigações consequentemente a falta de eventos de carácter científico típico da área do turismo para comunicação dos resultados da pesquisa. embora existam algumas IES, que promovem eventos de divulgação científica, como a UEM, na sua revista e conferência científica;

o FNI que tem organizados Jornadas Científicas anuais; e outras IES, que o fazem de forma esporádica.

Desafios de ensino de turismo em Moçambique face às tendências internacionais

Acredita-se que os desafios do ensino do turismo em Moçambique, não são diferentes dos desafios internacionais, pois vários autores são unânimes em afirmar que os problemas que o ensino do turismo enfrenta são internacionais.

Para Arranha e Rocha (2014) um dos maiores desafios do ensino do turismo é reformulação do modelo de ensino em turismo para que auxilie na busca pela formação adequada dos profissionais para se chegar a um casamento e sintonia de formação entre o mercado e o ensino superior em turismo, pois ele acredita que há uma relação inversa entre a mão-de-obra requerida pelo mercado e a oferta de cursos. Estes mesmos autores avançam que as a oferta formativa das IES, são de conhecimento geral, não especificas onde há enorme atribuições ao profissional de turismo, e ao mesmo tempo se pergunta se essa pessoa está realmente preparada para desenvolver todas essas funções.

Outro desafio importante no campo do ensino do turismo em Moçambique é o de formar pesquisadores e professores que deverão garantir a produção de conhecimentos novos, ensino, publicação, pois a maior parte dos cursos existentes a nível do país formam para área operacional ou técnica. Porém, existe necessidade de maximizar cursos para formação de pesquisadores em turismos, para responder ao desenvolvimento da ciência, produção do conhecimento e mão-de-obra qualificada.

Os cursos existentes em Moçambique apresentam dificuldades de recursos materiais, nomeadamente: laboratórios ligados a hotel, restaurante e bar, informática,

animação desportiva, animação sociocultural, de línguas, e de produções culinárias, de modo que possam sustentar a formação com qualidade na área de turismo. Não menos importante é a necessidade contínua de aprimorar a qualidade de formação do corpo docente e de investigadores para atender a especificidades de formação turística, que tende a mudar por influência de globalização, bem como a criação de revistas científicas específicas para permitir divulgação das investigações em turismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objectivo deste artigo foi apontar a evolução do ensino superior do turismo em Moçambique. Para tal, inicia-se com as discussões sobre turismo como ciência, passando pela pequena radiografia da evolução dos cursos superiores de turismo no mundo, temas complexos e polémicos, portanto deixando desde já claro de que os esforços aqui envidados não esgotam o interesse para contínua discussão da temática.

Vivemos diante de incertezas de uma “crises de paradigmas”, no que tange a temática turismo como ciência, que nos faz acreditar que ainda precisa-se de muita investigação e estudos, pois o conhecimento avança com revisões e refutações das suas teorias e abordagens sobre o que, na realidade, significa o turismo, só assim pode-se compreender a “Ciência no Turismo” e, em consequência, poder formar melhor os recursos humanos, nas mais diversas áreas que ela compreende com competências para contribuir para um turismo mais humanizado, ético e sustentável.

O ensino superior do turismo já existe a décadas, vários países vão oferecendo unidades formativas relativas ao turismo, tanto no âmbito de formação profissionalizante como também para investigação científica, apesar da existência desafios bastante afincados, que de alguma forma comprometem a sua progressiva

maturidade como ciência e como campo de conhecimento a ser estudado e investigado.

Os dados levantados pelo estudo possibilitam perceber que em Moçambique, o ensino do turismo ainda é recente, é feito maioritariamente pelo sector privado, a sua grade formativa, compreende mais área de gestão, com disciplinas gerais, complementares e específicas. Contudo, o facto de a mesma ser recente não significa que esteja em crescimento, pelo contrário, ela esta em declínio, a contar pelo decréscimo do número de cursos criados bem como dos números de ingressos ao longo dos anos, especto este que figura como um dos maiores desafios. Para além de que se deve criar uma vasta estrutura de equipamentos e infraestruturas e recursos humanos para suportar o ensino com qualidade.

Conforme mencionado no início deste artigo, não se pretende que o estudo seja conclusivo. Ao contrário, vislumbram-se, a partir dessas ilações, novas oportunidades de debate acerca do tema epistemologia do ensino do turismo, buscando mecanismos de melhoramento dos desafios apontados neste, e em vários estudos, que por sinal não só acontece no contexto moçambicano, mas a nível internacional.

REFERÊNCIAS

ARANHA, K. e ROCHA, F. Reflexões Acerca do Ensino no Curso Superior de Turismo: Realidade, Desafios E Tendências. **Revista Iberoamericana De Turismo – RITUR**, Penedo, v. 4, n. 2, P. 67-76, 2014. Disponível em [Http://Www.Seer.Ufal.Br/Index.Php/Ritur](http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur), acesso em: 10 de Novembro 2020.

BARRETTO, M. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. Campinas, SP. Papyrus, 1995.

BENI M. e MOESCH, M. Do Discurso Da Ciência Do Turismo Para A Ciência Do Turismo. **Revista Turismo &**

- Desenvolvimento**, n. 25, 2016, p.9 - 30. Disponível em <https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/10857/7071>, consultado no dia 14 de novembro 2020.
- BENI, M. Turismo e Animação Cultural no Espaço Urbano. **Rosa dos Ventos**, 5(3), 451-459. 2013.
- COSTA, C. UMBELINO, J e AMORIM, E. A Relação Entre a Formação Superior em Turismo e o Planeamento Turístico – O Caso Português. **Revista Cultura e turismo**, Ano 06 - n. 02. 2012 disponível [Www.Uesc.Br/Revistas/Culturaeturismo](http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo) Acesso em: 10 de novembro 2020
- DENCKER, A. **Pesquisa Em Turismo: Planeamento, Métodos E Técnicas**. 9a. Ed. São Paulo: Futura 1998
- EURICO, S. **Ensino Superior em Turismo: Satisfação e Empregabilidade**. 2011. Tese (Doutoramento Em Turismo) – Universidade do Algarve, Faculdade de Economia.2011 disponível em <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/2764> Acesso em: 30 de novembro 2020
- FORMICA, S. European Hospitality and Tourism education: Differences with The American Model and Future Trends”. **International Journal of Hospitality Management**, 15(4), 317-323, 1996.
- JOVICIC, Z. A Plea for Tourismological Theory and Methodology, **Revue de Tourisme**, 43 (3), pp. 2-5. 1988
- LEAL, S. Qualidade da Educação Superior em Turismo: A Voz Dos Estudantes. In: **ANAIS DO VI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO MERCONSUL. SABERES E FAZERES NO TURISMO: INTERFACES**. 9 A 10 de julho, Caxias Do Sul RS. Brasil. 2010
- MARUJO, N. A Pesquisa em Turismo: Reflexões Sobre as Abordagens Qualitativa e Quantitativa. **Turydes Revista de investigacion en Turismo e desarrollo local**. v. 6, 2013. disponível em <https://www.eumed.net/rev/turydes/14/pesquisa-turismo.pdf>. acesso em 30 de novembro 2020.
- MARUJO, N. O Estudo de Caso na Pesquisa em Turismo: Uma Abordagem Metodológica. **Turismo: Estudos & Práticas**. Mossoró, RN, V. 5, N. 1, P. 113-128. 2016. disponível em <http://periodicos.uern.br/index.php/turismo> acesso em 10 de novembro 2020
- MATIAS, M. Turismo: O Ensino de Graduação No Brasil. **Turismo & Sociedade**. Curitiba, v. 5, n. 1, P. 58-81.2012 disponível em DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/tes.v5i1.26581> acesso em 24 de outubro 2020
- MINISTÉRIO DA CULTURA E TURISMO. **Plano Estratégico Para O Desenvolvimento Do Turismo Em Moçambique**. Volume I. 2004
- MIRANDA, L. A Educação no Turismo Diante as Exigências do Mercado Globalizado. In: **NP 19 – COMUNICAÇÃO, TURISMO E HOSPITALIDADE, DO V ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM**. 2005
- MOÇAMBIQUE. PEDTM - **Plano Estratégico para o Desenvolvimento do turismo em Moçambique 2004-2013**. Maputo: MITUR
- MOESCH, M e BENI, M. Do Discurso Sobre A Ciência do Turismo para a Ciência do Turismo. **Revista Turismo e Desenvolvimento**. n25. 9-36, 2016.
- MOESCH, M. **A Produção do Saber Turístico**. 2ed. São Paulo: Contexto. 2002.
- OMT. **Introducción a TEDQUAL: uma Metodologia Para La Calidad En Educación Y Formación Turísticas**. Madrid: Organización Mundial del Turismo, 1997.
- RITCHIE, J. **Tourism and Hospitality**

- Education – Frameworks for advanced Level and Integrated Regional Programs, AIEST (ed.), **Formation Supérieure en Matière de Tourisme**, St. Gall: Editions AIEST, 31, pp. 121-152(1990).
- RUSCHMANN, D.; REJOWSK, M. E.; CACCIAMAL, M. Cursos de Programas de Ensino Em Turismo - Realidade De Cinco Cidades Brasileiras. **Turismo Em Análise**, São Paulo, v.7, n.1. 1996.
- SALGADO, M; COSTA, C e SANTIAGO, R. Educação e Organização Curricular Em Turismo No Ensino Superior Português. **Revista Turismo e Desenvolvimento**, v.13, p.347-356, 2010.
- SALGADO, M.; LEMOS, F.; COSTA, C. e SILVA, J. Epistemologia e educação em Turismo: Ensino superior português. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v.27, n.28, p.1853 - 1863, 2017.
- SANTOS, M.; MACHADO, D e MEDEIROS, M. Perfil e atuação profissional dos egressos do curso de bacharelado em turismo da Universidade Federal de Minas Gerais. **Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR**, v. 11, n. 1, p. 209-222, 2021. <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>.
- SILVEIRA, C.; MEDAGLIA, J e GÂNDARA, M. Quatro Décadas de Ensino Superior de Turismo No Brasil: Dificuldades na Formação e Consolidação do Mercado de Trabalho e a Ascensão de uma Área de Estudo Como Efeito Colateral Turismo. **Visão E Ação**, v. 14, n. 1, p. 6-18, 2012.
- SILVEIRA, C.; MEDAGLIA, J.; NAKATANI, M. Mercado de trabalho dos egressos de cursos superiores em turismo: comparações dos dados de 2012 – 2018. **RBTUR**, São Paulo, v.14, n.2, p. 83-94. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v14i2.1779>.
- SOGAYAR, R.; REJOWSKI, M. Ensino Superior em Turismo em Busca de Novos Paradigmas Educacionais: Problemas, Desafios e Forças de Pressão Turismo. **Visão e Ação**, v. 13, n. 3, p. 282-298, 2011.
- THEOBALD, W. F. **Turismo Global**. São Paulo: SENAC, 2001.
- TRIBE, J. The indiscipline of tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 24, n. 3, p. 638-457, 1997.
- TRIGO, L. **Cronologia do turismo no Brasil**. São Paulo: CTI/Terra, 1991.
- VERGARA, S. **Projetos E Relatórios De Pesquisas Em Administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- ZOUAIN, D. M. *et al.* Mercado de trabalho e estágio: percepções dos alunos dos cursos de Turismo e Hotelaria de Instituições de Ensino Superior, Rio de Janeiro [Brasil]. **Rosa dos Ventos -Turismo e Hospitalidade**, v.14, n. 4), p. 1010-1029. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i4p1010>.